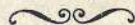


O Mestre como que se fundira na neblina esvoaçante...

De alma renovada, porém, aguardou o momento de servir. E, quando infortunada mãe apareceu, sobraçando um anjinho enfermo, a serva do Cristo socorreu-a, de pronto, com alimentação adequada e roupa agasalhante.

Desde então, a devota transformada não mais esperou por Jesus, imóvel e zelosa, na janela do seu alto aposento. Depois de prece curta, descia para o trabalho à multidão desconhecida, na execução de tarefas aparentemente sem importância, fôsse para lavar a ferida de um transeunte, para socorrer uma criancinha doente, ou para levar uma palavra de ânimo ou consolo.

E assim procedendo, radiante, tornou a ver, muitas vezes, o Senhor que lhe sorria reconhecido...



## Ideias

Otávio Pereira, antigo orientador da sementeira evangélica, presidia simpática associação espírita. Certa feita, violenta reação lhe assaltou a direção pacífica e produtiva.

— Aquelas diretrizes «carro-de-boi» — criticavam alguns — não serviam.

— Era necessário criar vida nova, dentro da Instituição, projetando-a além das quatro paredes — pontificavam outros.

— Otávio é orientador antiquado — asseveravam muitos — e vive circunscrito a preces, passes, comentários religiosos e sessões invariáveis.

Surpreendido, mas sereno, Pereira assentou medidas para a realização de uma assembleia, onde os companheiros pudessem opinar livremente.

Concordava com os méritos do movimento e ele mesmo — repetia bondoso e humilde — seria o primeiro a colaborar na renovação imprescindível.

Constituída a grande reunião, o velho condutor assumiu a presidência dos trabalhos e abriu o debate franco, rogando aos amigos expusessem as ideias de que se faziam portadores.

O primeiro a falar foi o senhor Fonseca que, enxugando frequentemente o suor da larga testa, expôs o plano de um orfanato modelar, através do qual a agremiação pudesse influenciar o ânimo do povo.

Finda a explanação veemente e florida, Perei-



ra indagou, sem afetação, se o autor da ideia estava disposto a dirigir-lhe a realização, mas Fonseca afirmou, sem preâmbulos, que não contava com tempo para isso. Era empregado de uma companhia de seguros, e oito bocas, em casa, aguardavam dele o pão de cada dia.

Em seguida, levantou-se Dona Malvina e falou largamente sobre a conveniência de fundarem uma escola, à altura moral da casa, com setores de alfabetização e ensino profissional.

Interpelada, porém, pelo orientador, quanto ao empenho de sua responsabilidade feminina no empreendimento, exclamou, célere:

— Oh! eu? que graça! tenho ideias, mas não tenho forças.... Sou uma pecadora, um Espírito delinquente! não tenho capacidade para ajudar ninguém.

Logo após, toma a palavra o senhor Fernandes, que encareceu a edificação de um departamento para a cura de obsidiados; contudo, quando Pereira lhe pediu aceitasse a incumbência da orientação, Fernandes explicou, desapontado:

— A ideia é minha, mas eu não disse que posso executá-la. Estou excessivamente fraco e, além disso, sinto-me inapto. Sou um doente, e há muito tempo estou de pé, em razão do socorro da Misericórdia Divina.

Mal havia terminado, ergueu-se o irmão Ferreira, que lembrou a organização de um trabalho metódico de assistência aos enfermos e necessitados, com uma pessoa responsável e abnegada à frente da iniciativa.

Quando pelo mentor da instituição foi consultado sobre as probabilidades de sua atuação pessoal no feito em perspectiva, Ferreira informou, sem detença:

— Minha ideia resultou de inspiração do Alto, entretanto, sou portador de um carma pesado. Tenho a resgatar muitos crimes de outras encarnações. Não posso, não tenho merecimento...

E, de cérebro a cérebro, as ideias pululavam, sublimes e coloridas, entusiásticas e fascinantes, mas, de boca em boca, as confissões de ineficiência se sucediam, multiformes.

Alguns se revelavam doentes, outros cansados, muitos se declaravam absorvidos de inquietações domésticas e não poucos se diziam dominados por monstruosas imperfeições.

A assembleia parecia trazer fogo no raciocínio e gelo no sentimento.

Quando os trabalhos atingiram a fase final, depois de compridas conversações, sem proveito, Pereira, sorrindo, comentou breve:

— Meus irmãos, nossa casa, sem dúvida, precisa movimentar-se, avançar e progredir; entretanto, como poderá o corpo adiantar-se, quando as mãos e os pés se mostram inertes? Todos possuímos ideias fulgurantes e providenciais, todavia, onde está a nossa coragem de materializá-las? Quando os membros se demoram paralíticos, o pensamento não faz outra coisa senão imaginar, orar, vigiar e esperar... Sou o primeiro a reconhecer o imperativo de nossa expansão, lá fora, no grande mundo das consciências, no entanto, até que sejamos o conjunto harmonioso de peças vivas, na máquina da caridade e da educação, como veículos irrepreensíveis do bem, não disponho de outro remédio senão aguardar o futuro, no Espiritismo das quatro paredes...

E, diante da estranha melancolia que dominou a sala, apagou-se o brilho faiscante das ideias, sob o orvalho das lágrimas com que Pereira encerrou a sessão.

